

MEMÓRIA, POESIA E RELATOS ORAIS: PRODUÇÃO, VENDA E CONSUMO DOS FOLHETOS DE CORDEL DE JOSÉ COSTA LEITE NAS FEIRAS DO NORDESTE DO BRASIL

Geovanni Gomes Cabral¹

Universidade Federal de Pernambuco
geocabral22@gmail.com

Integrando a temática do grupo de trabalho “História Oral: Experiências e Perspectivas” este artigo tem como objetivo apresentar a importância das histórias contadas nos relatos orais de José Costa Leite e suas trajetórias nas feiras do Nordeste brasileiro para a compressão da circulação dessa poesia impressa. Dono de uma sensibilidade ímpar, este homem vem superando a arte e a poesia de cordel no tocante a produção e veiculação de folhetos na Zona da Mata Norte de Pernambuco mantendo viva a memória poética de histórias que fazem parte de nosso Brasil. São histórias que percorrem cenários resgatando o seu imaginário, transitando no amor, na bravura, no encantamento, no gracejo, no sagrado e no profano. Dentro dessa realidade encontramos um poeta que não se deixou vencer pelo tempo, que acredita no que faz, gosta de contar seus gracejos e pelejas, de cantar seus versos e de encantar corações com sua poética. Sua vida permeia em torno das práticas culturais, da arte e da memória de suas andanças pela poesia.

José Costa Leite nasceu no município de Sapé, no Estado da Paraíba, local conhecido como a terra do abacaxi, devido a sua grande produção. Nasceu em 27 de julho de 1927, filho de Paulino Costa Leite e Maria Rodrigues dos Santos. Família humilde, que trabalhava na agricultura, sem desfrutar de luxos e vaidades. Nesta microrregião viveu até os três anos de idade, foi quando seus pais se mudaram para Camutanga, município da zona da Mata Norte de Pernambuco (FONSECA, 2008, p. 105). Nesta localidade, seu pai faleceu em 1935, o que significou uma tragédia, que abateu-se sobre os membros da família, que fez com que seu irmão mais velho, Paulino

¹ Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que estamos realizando no curso de Doutorado em História ligado ao Programa de Pós Graduação da UFPE, tendo como orientador o Prof. Dr. Severino Vicente da Silva e financiada pela FACEPE. Esta pesquisa destina-se em fazer um estudo acerca do poeta popular José Costa Leite e sua produção literária na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

Filho, levasse todos para a Fazenda Caldeirão. De volta à Paraíba com seus 4 irmãos, José Costa Leite passou a trabalhar na lavoura de algodão, trabalho pesado mas que lhe rendia algum lucro no final do mês (MARYALINE, 2002).

Suas andanças não pararam nesta cidade, ele partiu a convite da irmã da sua mãe para residir no Engenho Pedregulhos, município de Goiana, passando a trabalhar na lavoura da cana-de-açúcar, isto nos meados de 1938. Homem simples do Nordeste não se deixou vencer pelas circunstâncias e desafios da vida, além do trabalho da limpeza da cana, foi cambista, mascate, plantou inhame e foi camelô na feira. Nenhum desses trabalhos, por mais pesado que fossem, abalou sua força de vontade de conseguir algo melhor na vida. Em 1947 estando muito doente sua mãe vem a falecer desarticulando a família e dissipando seus membros. Cada um tomou um rumo, e José Costa Leite seguiu o caminho da poesia, da arte, e da produção de folhetos populares.

Após o falecimento de sua genitora, radicou-se no município de Condado a partir de 1955, zona da Mata Norte de Pernambuco, antigo distrito denominado de Goianinha. Recebeu esse nome Condado, por sugestão do geógrafo Mário Melo em homenagem a um engenho e um riacho local sendo elevada a categoria de vila em 1934 (FONSECA, 2008, p. 112, SILVA, 2011, p. 15-18). Reside até o presente momento à rua Dr. Júlio Correia, nº 223, com seu atelier aos 84 anos versificando e contando histórias quebrando barreiras do tempo e da memória. Costa Leite mesmo diante dos avanços tecnológicos acredita na força do cordel, na sua capacidade de informar, contar e distrair. Em entrevista realizada em 25 de junho de 2011 relata que “... o cordel é um instrumento didático, ele desarna, educa e diverte e ensina...”²

Em um de seus folhetos intitulado “Quem gostar de Terra boa só quer morar em Condado” o poeta expõe o porquê de morar tantos anos na referida cidade e seus atrativos como podemos ver nas estrofes abaixo:

A antiga Goianinha

Que é Condado hoje em dia

É a terra da magia

² Entrevista de José Costa Leite, concedida a Geovanni Gomes Cabral, no dia 25 de junho de 2011, em sua casa, rua Dr. Julio Correia, no município de Condado.

Que o povo sempre acarinha
Tem a cidade vizinha
Goiana no mesmo estado
Condado
É um lugar amado
A notícia sempre voa
Só quer morar em Condado.

É estrela da zona da Mata Norte
Da zona pernambucana
É a cidade da cana
Seu terreno é muito forte
Bom pra se pegar transporte
Tem carro pra todo lado
É o lugar apropriado
Onde não tem gente a-toa
Quem gota de terra boa
Só quer morar em Condado.

Condado é terra da jaca
Manga, mamão, macaxeira
Pra população inteira
Até mesmo em Jararaca
A produção não é fraca
Dar cada inhame aloprado
Só vive contando loa
Quem gostar de terra boa
Só quer morar em Condado. (p. 01)

Mas suas impressões se voltam também para a cultura da região tão viva e expressiva, terra do cavalo-marinho, das festas de junho, de um povo festivo, observem nos veros que seguem:

O Cavalo Marinho é
Brincadeira conhecida
Onde o povo goza a vida
Todo mundo assiste em pé
Onde o povo toma “me”
Condado é lugar amado
Vem gente de outro estado
De Natal ou João Pessoa
Quem gostar de terra boa
Só quer morar em Condado. (p.03)

Nas festas de São João
Se a safra é boa e rica
É muita pamonha e canjica
Samba, fogueira e balão
Em todo canto há diversão
Condado é bem festejado
Milho cozido e assado
O povo como que enjoa
Quem gostar de terra boa
Só quer morar em Condado. (p.07)

José Costa Leite começou sua vida poética vendendo e ouvindo folhetos na feira dos cordelistas José Martins de Ataíde e João José. Mas foi no ano de 1947, que estreou

na produção de folhetos escrevendo, vendendo e declamando seus primeiros cordéis intitulados “Eduardo e Alzira – uma história de amor” e “Discussão de José Costa Leite com Manuel Vicente” (AMORIM, 2010, p.73).

Desse momento em diante desponta o poeta José Costa Leite, que nunca frequentou uma escola, aprendeu a ler ouvindo histórias de folhetos e poetas que recitavam versos nas feiras livres, acerca desse momento nos conta o poeta sua experiência com o mundo da leitura e escrita:

*“Olha eu toda vida gostei do cordel desde menino de 10 anos. Nunca fui na escola o que aprendi foi lendo e contado folheto na feira. Naquele tempo eu não lia, eu era um menino apaixonado pelo cordel era fã, pelo menos o camarada cantando na feira: “Um cabra de Lampião / por nome Pilão Deitado / que morreu numa trincheira / em certo tempo passado/ agora pelo sertão anda correndo visão / fazendo malassombrado”. Então eu aprendi o versos decorado e abria o folheto e dizia: um cabra de Lampião por nome Pilão deitado... é isso que incentiva que a gente tem dito que o cordel é uma ferramenta didática para o aluno porque ele aprende a estrofe e olha no papel, ai vai aprendendo. Aprendi a ler assim, nunca fui à escola”.*³

Segundo Ana Maria Galvão (2001), a relação entre leitor/ ouvinte desempenhava um papel importante no processo de aprendizagem e suas práticas culturais. Diz à autora que *“a leitura e a audição de folhetos também cumpria, assim, um papel educativo em relação a uma sociedade caracterizada pelas altas taxas de analfabetismo”, levando muitos a aprender e desenvolver suas habilidades de leituras* (2001, p.109, 2008, p.37-63).

Seguindo os fios condutores que nos levam à narrativa histórica, podemos perceber que os relatos orais de José Costa Leite nos permitem refletir sobre o processo de letramento que se estabelecia por meio da relação entre o oral e o escrito, entre o leitor e o ouvinte. Seu relato está inserido em relações e práticas sociais que nos fazem pensar sobre a educação nas áreas mais afastadas do país. Das dificuldades de se frequentar uma escola, do analfabetismo registrado pelo menos na época do

³ Entrevista de José Costa Leite, concedida a Geovanni Gomes Cabral, no dia 25 de junho de 2011, em sua casa, rua Dr. Julio Correia, no município de Condado.

apogeu dessa literatura de folhetos, fruto de uma política educacional excludente e ineficaz. Para Antônio Montenegro esse lembrar, essa ida e vinda no ao passado, nos inserem em tempos e histórias, (2010, p.43),

“Percorrer a trilha do relato construído é visitar um labirinto de muitas voltas, de muitas dobras, que ao se desfazerem aproxima passado e presente, distanciam passado e presente, numa tensão de quem conhece o poder das palavras, de quem sabe quanto elas significam: um perigoso campo minado.

Mas sua arte não cessou na versificação de folhetos e representações de histórias do cotidiano, aprendeu também vendo e praticando a arte da xilogravura passando a produzir e desenhar suas próprias talhas na madeira da imburana, ilustrando seus próprios folhetos e imprimindo o selo “JCL”. Em todo folheto de sua autoria, vem sempre registrado “A voz da poesia Nordestina”, uma marca que o identifica enquanto autor e proprietário (AMORIN, 2010, p.72). É importante ressaltar que outros poetas se destacaram também na produção da arte xilográfica entre eles, Francisco Borges, Minelvino Francisco, Franklin Maxado, Jerônimo Soares, João Antônio de Barros, Dila, Abraão Batista e Eneias Tavares dos Santos (AURÉLIO, 2010, p. 100).

Tendo as feiras livres como palco para divulgação de seus folhetos, seu Costa - assim como é conhecido na cidade onde reside - circulou por todo o Nordeste brasileiro, soltando a sua voz, cantando e encantando. Percorreu o interior do Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia e cercanias limítrofes entre a Paraíba e Pernambuco. Recitou muitos versos por onde passou contando com uma platéia que além de fazer um círculo para ouvir, também consumia seus folhetos. Era comum declamar metade da história como estratégia de venda atraindo dessa forma a curiosidade do ouvinte.

Assim o cordel informava, ensinava e divertia o público como elemento de entretenimento (CURRAN, 2001, p.19). Cabe destacar que o folheto, mesmo assumindo importância nas cidades, em relação à sua vendagem e leitura ocorreram maior propagação e expressividade no interior (SLATER, 1984, p 22). Sobre essas andanças nas feiras livres somam-se experiências, relações sociais, memórias são revisitadas, tempos históricos são definidos, cidades são percorridas. José Costa Leite assim nos descreve:

*“Eu ferei em muitos lugares, vamos dizer assim comecei na Usina São José, em Igarassu, Itapissuma, Abreu e Lima, Paulista. Paulista tinha feira todo dia naquela época na beira da pista agora é mais pra dentro. Ferei em Itambé, Goiana, Alhandra, Boca da Mata que é Caporã. E viajei pelo sertão da Paraíba, e Rio Grande do Norte. Ferei em São José de Campestre, Santo Antonio do Sapo e da Onça, em Nova Cruz, é muito boa a feira de Nova Cruz, ferei em Arara, fui em Bonito de Santa Fé, já na destina do Ceará, ferei no Ceará numa feira chamada de Itaumirim, ferei na terra de Ariano Suassuna, Taperoá. E ferei em Guarabira, Araruna, Cacimba de Dentro, São Bento por ali afora. E tem uma Solânea, muito boa a feira de Solânea, Ferei em Livramento, Livramento é cidade sertaneja e Monteiro, lá em Monteiro foi uma época de Natal a feira não prestou. Tinha muitos palanques, muita diversão e a feira não foi boa... ferei em Timbaúba, ferei em Itaquitinga, Brejo de São Vicente. Brejo de São Vicente era uma feira boa também... Ferei umas três no Mercado de São José, ferei em Olinda numa ferinha que tem lá, logo ali perto da praça do Jacaré... Ferei no Recife lá numa ferinha do Entrocamento também, mas a chuva acabou a rodada”.*⁴

Conforme Vilma Mota Quintela, e a vendagem desses impressos nas feiras livres “o cordel é dirigido ao olho quanto ao ouvido, o discurso do cordel implica na repertoria estrito de formas e de mecanismos poéticos aptos a submeter a linguagem às finalidades e às exigências próprias da performance oral” (1996, p.16).

José Costa Leite, com sua poética encantadora, seduz pela forma como transita entre a poesia e a história, fabulando em versos que representam e imprimem por meio da palavra sua cosmovisão de mundo. Deixa fluir uma sensibilidade que o faz caminhar por entre mundos reais e fantásticos. Seu olhar poético o faz se apropriar das coisas que estão à sua volta, retratando o Brasil e seu povo (CURRAN, 2011, p.17). Toda criação poética, afirma Antonio Celso Ferreira, “está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem” (2011, p. 67).

⁴ Entrevista de José Costa Leite, concedida a Geovanni Gomes Cabral, no dia 25 de junho de 2011, em sua casa, rua Dr. Julio Correia, no município de Condado.

Palmilhando um universo infinito de histórias e possibilidades poéticas, Costa Leite percorre com suas histórias, cenários de bravuras (Lampião em Mossoró), pejejas (Peleja de Patativa do Assaré com Maria Roxinha da Bahia), encantamentos (O cavalo Voador), religiosos (A chegada de Frei Damião no céu), amor (Entre o amor e o trono), histórias de seu Lunga (Seu Lunga no Futebol), e histórias que são rememoradas mediante suas andanças pelo interior. Hoje, o poeta edita suas histórias na Editora Coqueiro. Toda semana vem ao Recife trazendo seus versos em papel pautado para a impressão, a qual tem um compromisso na veiculação em feiras e congressos de seus folhetos, divulgando seu trabalho e sua arte.

O interessante é que Costa Leite se faz compreender pela forma como constrói seus versos. Imprime sua memória, tece palavras que vão se agrupando, resignificando, assumindo um destaque literário próprio e apropriando-se a cada produção de um campo fértil que o faz andarilho por caminhos diversos que só a literatura é capaz de lhe fornecer. É esse deslocamento entre o real e a fantasia que torna os folhetos de cordéis uma fonte literária que, segundo Roger Chartier, “insere-se nas práticas e representações culturais do mundo que o cerca, pois identificam como em diversos lugares uma realidade social construída, pensada, dada a ler” (2002, p,17).

Vale salientar que essa produção cordeliana de José Costa Leite e suas representações não são algo neutro porque nelas estão impressos valores, intenções e estratégias de interesses. As práticas culturais e as apropriações estão em um campo de possibilidades de escolhas e desejos. Chartier (2002, p.17) assim destaca:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância com as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.

As histórias e versos de José Cota Leite emergem como flores do campo, rompem fronteiras, surgem de experiências que foram somadas durante sua trajetória de vida. Podemos dizer que este poeta é um andarilho do tempo, das tradições, da voz e da poesia, que faz do verso sua morada. Sua memória é como um “palácio”, referindo-se a Santo Agostinho, quando diz que nesse palácio “estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie” (AGOSTINHO, 2008, p.218). Ainda sobre as Confissões de Santo Agostinho (2008, p. 219) no que tange a memória este diz:

A memória armazena tudo isso em seus vastos recessos, em suas alas secretas e inefáveis sinuosidades, para lembrá-lo e trazê-lo à luz, conforme a necessidade. Todas essas imagens entram na memória por suas respectivas portas, sendo ali armazenadas. Todavia, não são as coisas que entram na memória, mas as imagens das coisas sensíveis que ali ficam à disposição do pensamento que as evoca.

Portanto, é nesse jogo de palavras, versos e estrofes que este poeta popular produziu inúmeras histórias e ainda produz, andarilho de seu tempo, acredita na arte e na poesia. Seus trabalhos como fonte documental e literária, testemunha e registra passagens de nossa história, circula pelo Brasil, entre feiras, museus e exposições, se faz presente em nossa memória, nas cercanias da Paraíba e Pernambuco.

FONTES E REFERÊNCIAS

FOLHETOS DE CORDEL

LEITE, José Costa. **Quem gostar de terra boa só quer morar em Condado**. Recife, Editora Coqueiro, s/d.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Alex Marins. Martin Claret, São Paulo, 2008.

AMORIM, Maria Alice. **Patrimônios, vivos de Pernambuco**. (Org). Maria Acselrad. Recife, FUNDARPE, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ed, DIFEL, 2002.

CURRAN, Mark J.. **História do Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

_____. **Retrato do Brasil em Cordel**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. O leitor /ouvinte de folhetos nos anos 30 e 40 do século XX. In: **Recortes Contemporâneos sobre cordel**. (Org.) Sylvia Nemer, Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 37-66.

GUILLEN, Isabel Martins, GRILLO, Ângela Faria, FARIAS, Rosilene. **Mercado de São José: Memória e História**. Recife: IPHAN / FADURPE, 2010.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura. In: **O historiador e sua fontes**. (Org.) PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. 1.ed, São Paulo: Contexto, 2011.

FONSECA, Homero. **Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades**. 2.ed. Recife: CEPE: FUNDARPE, 2008.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

LEITE, José Costa. **Sertão Nu e Cru**. Editora Coqueiro. Recife, 2003.

MARYALINE, Déserbais. **Tristão e Iseut ou O amor na literatura de cordel**. Tese apresentada na Université de Poitiers. Paris, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

QUINTELA, Vilma Mota. **Literatura de Cordel: ensaios**. Dissertação de Mestrado UNICAMP, Campinas, 1996.

SILVA, Severino Vicente da. **Pretinha do Congo de Goiana: uma nação africana na jurema da mata norte**. Olinda, PE: Editora Associação Reviva, 2011.

SLATER, Candace. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil**. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.